

**NOVOS CAMINHOS DA FÉ: A PEREGRINAÇÃO DA JUC À DIVINA
PASTORA EM 1958**
**NEW PATHS OF FAITH: PILGRIMAGE OF JUC TO DIVINA
PASTORA IN 1958**

Magno Francisco de Jesus Santos¹

RESUMO

No ano de 1958 um pequeno grupo de jovens participou de um evento que se tornaria a principal manifestação do catolicismo em Sergipe. Era a peregrinação à cidade de Divina Pastora, pensada pelo então padre Luciano Duarte. O pretexto era criar em terras sergipanas uma celebração católica que reproduzisse a peregrinação dos estudantes parisienses a catedral de Chartres. Esse artigo como objeto de estudo a peregrinação ao santuário de Divina Pastora, realizada no ano de 1958 com os membros da Juventude Universitária Católica e que passou por consideráveis transformações ao longo da segunda metade do século XX. Com isso, a peregrinação ao Santuário de Divina Pastora, pôde ser compreendida a partir da reconstituição de elementos que permearam a trajetória da cidade e da própria solenidade religiosa.

Palavras-chave: Peregrinação, Santuário, Juventude Universitária Católica, Sergipe.

ABSTRACT

In 1958 a small group of young people participated in an event that would become the main manifestation of Catholicism in Sergipe. Was the pilgrimage town of Divina Pastora, designed by the then Father Luciano Duarte. The pretext was to create in Sergipe lands a Catholic celebration that reproduce the pilgrimage from Paris to Chartres Cathedral students. This article as a study subject pilgrimage to the shrine of Divine Shepherdess, held in 1958 with members of the Catholic University Youth and underwent considerable changes during the second half of the twentieth century. With this, the pilgrimage to the Shrine of Divine Shepherdess, could be understood from the reconstitution of elements that permeated the history of the city and the religious ceremony itself.

Keywords: Pilgrimage; Sanctuary; Catholic University Youth; Sergipe.

No raiar do ano de 1958, Aracaju recebera com festa o promissor clérigo que tinha obtido o título de doutor na Sorbonne com as mais altas honrarias. Aclamado no meio acadêmico francês e na sociedade sergipana, o jovem padre buscou imprimir uma nova feição no âmbito das solenidades religiosas locais, inserindo no calendário novos eventos. Com o seu retorno, o padre reassumiu as atividades como assistente eclesiástico da Juventude Universitária Católica, promovendo reuniões e apresentando novas propostas para os membros. As reuniões com o padre Luciano Duarte tornaram-se freqüentes. Parecia que ele tinha entusiasmado os jovens universitários com suas ideias gestadas na França.

¹ Doutorando em História na Universidade Federal Fluminense, sob a orientação de Martha Campos Abreu.

Os universitários de Aracaju passaram a ter uma jornada dupla de estudos, pois além das aulas obrigatórias nas diferentes grades escolares das faculdades, os mesmos participavam ativamente das reuniões da JUC, nas quais havia preleções do padre Luciano e debates acerca de textos clássicos sobre a fé. A rotina universitária aracajuana passava por um momento diferenciado, com cogitações sobre o que estaria despertando a atenção daqueles estudantes. Qual era, afinal, a proposta do padre para aqueles jovens?

A revelação da proposta não tardou e difundiu-se no meio acadêmico e religioso vertiginosamente. Tratava-se de um projeto ousado, audacioso para a época, pois o padre pretendia realizar em poucos meses uma peregrinação dos universitários de Aracaju para a cidade de Divina Pastora. As peregrinações tão difundidas na Europa não eram muito conhecidas em terras sergipanas. Era uma novidade que tinha conquistado o interesse dos membros da JUC, até porque significava um passo de considerável relevância realizar um evento daquele porte. Porém para se por em prática a idéia foi necessário o engajamento de vários membros da JUC, na discussão de textos, confecção de santinhos, organização do evento e treinamento dos líderes. O tempo urgia e os preparativos não eram poucos. Certamente o prestígio do padre organizador deve ter contribuído para o sucesso da empreitada. Era preciso pormenorizar os passos do evento, ter sob controle as ações dos membros da JUC para assegurar o êxito da peregrinação. Mas, afinal, o que consistiria aquela peregrinação à Divina Pastora? Qual era a novidade e por que o interesse da diocese em assumir a causa de sua realização? Tais questões são relevantes para poder compreender as proporções do empreendimento do Pèguy sergipano. Trazer o modelo de peregrinação da França não representava um mero transplante de uma religiosidade. Teria muito mais a revelar.

A peregrinação à Divina Pastora trazia a Sergipe algumas novidades. Ela não seria mais uma das romarias que já eram realizadas no estado, sem controle do clero sobre as práticas devocionais, em que predominavam as devoções típicas do chamado catolicismo rústico. Era uma nova estética devocional, iniciada com um público seletivo: os universitários de Aracaju. Assim, um primeiro ponto a ser observado era a preparação. Para ser peregrino não precisava somente se predispor a caminhar por uma longa estrada. Era preciso estudar, debater textos em torno do tema escolhido para a peregrinação inaugural: Jesus Cristo, nosso Salvador.

A proposta do padre Luciano Duarte realmente era inovadora. Consistia na realização de uma caminhada devocional com jovens universitários, sem imagens de santos, debatendo uma temática previamente selecionada. Era uma forma de atenuar os espíritos dos universitários sergipanos, de corroborar para a disseminação de uma nova proposta evangelizadora. A estética do cortejo era inovadora e, até certo ponto, assustadora, pois os universitários caminhariam perfilados entre Riachuelo e Divina Pastora sem nenhum andor ou estandarte. Consistia na marcha intelectual católica, de reflexão sobre as questões da fé.

Isso explica, em certa medida, o interesse imediato da Diocese de Aracaju pela peregrinação. Além do prestígio que o padre Luciano detinha na mesma, a peregrinação poderia se tornar alvo de um novo fôlego para a orientação devocional da igreja, reflexo das preocupações católicas da época. Outro motivo que tornou a proposta atrativa foi o fato de tentar prender os olhares dos universitários na questão da fé, evitando assim os perigosos e sedutores desvios que rondavam, principalmente as idéias do comunismo

marxista. Com a semente da peregrinação, pretendia-se cultivar o pensamento católico no interior do mundo acadêmico sergipano.

A primeira marcha sagrada dos universitários aracajuanos para a cidade de Divina Pastora despertou o interesse de alguns jovens. O número de peregrinos não era espantoso, assim como se caracterizavam as ações da JUC. Tudo caminhava para dar início a um novo entendimento do universo sócio-religioso de Sergipe, pautado na difusão de peregrinações, retiros e com a novidade de disseminar a palavra bíblica pelas ondas do rádio. A cristandade sergipana finalmente respirava os novos ares proporcionados pela modernidade plangente. Ao que tudo indica, a intenção era recriar o universo religioso do estado, reorientar a religiosidade da sociedade local, a começar pelo setor universitário, a famigerada “classe pensante”.

Esse constitui um indício relevante na escolha da cidade de Divina Pastora como destino dos andarilhos da JUC. Naquela época Sergipe era dotado de importantes santuários populares, focos de tradicionais romarias que atraíam milhares de romeiros todos os anos, que poderiam se tornar também o destino da nova peregrinação. Todavia, o intuito da diocese local era promover um novo olhar, de estimular uma nova expressão de religiosidade, pautada na ausência de práticas tidas como supersticiosas.

Concomitante às discussões, o padre Luciano investiu na divulgação do evento, tendo como principal veículo a sua coluna no jornal A Cruzada. Sentia-se a necessidade de estimular a marcha sagrada em terras sergipanas, difundir o novo modelo de religiosidade. O transplante desse mecanismo de deslocamento de fiéis em busca de uma realidade diferenciada, distante, precisava ser apresentado ao público católico local. A boa nova deveria ser conhecida de todos e por esse motivo ela foi divulgada incisivamente na imprensa. Com isso, tornava-se propício demonstrar que a tradição de peregrinar consistia em uma ação com relativa tradição nos estados do sudeste do país. Nesta perspectiva,

O que os universitários de Aracaju vão agora fazer, nesta peregrinação que a Juventude Universitária Católica promove a Nossa Senhora Divina Pastora, está na linha do fazem seus irmãos, em várias partes do mundo, mas eles vão entrar numa perspectiva que remonta muito mais longe, que floresce na Idade Média que reponta nas origens judaicas do cristianismo. (Duarte, 1958, 01).

A tradição que estava sendo criada em Sergipe possuía bases profundas, no início dos cultos judaico-cristãos. E isso ficou explícito nos textos produzidos sistematicamente pelo padre Luciano Duarte. Ao tentar enfatizar a relevância histórico-bíblica das longas caminhadas em busca de santuários, ele buscou legitimar a sua novidade, evidenciando que não se tratava de uma forma de penitência inventada, mas sim deixada nas sagradas escrituras e referendadas por diferentes povos e épocas. Tornava-se imprescindível demonstrar que fazia parte da essência do cristianismo às espessas jornadas em esperança de encontro com o universo cósmico ordeiro divinizado. As falanges da Juventude Católica estariam em marcha para “o encontro decisivo com Deus”. Por esse motivo a ênfase recaía sobre o despojamento dos bens materiais e na acolhida da penitência pautada na discussão sobre o divino. Nestas incursões discursivas na imprensa local o padre da JUC tentou conceituar a peregrinação:

É por isto que o cristão peregrina. Peregrinar é por-se em marcha, é lançar pela estrada pela experiência de deixar o que se tem, em busca do que ainda não se tem, mas se espera. O peregrino é assim um homem que põe nos seus

passos a inquietação interior de sua alma. Que deixa o morno conforto de sua mediocridade em busca de algo de maior que ainda não lhe pertence. Como aquele que “perde sua vida para encontrá-la” de que fala Jesus Cristo no Evangelho, o peregrino é um despojado na esperança. (Duarte, 1958, p. 01).

No texto acima se percebe a ênfase dada na idéia de deslocamento na busca do que estaria aquém, do que não poderia ter acesso no mesmo lugar. Neste sentido, pode-se dizer que o padre Luciano Duarte entendia a peregrinação em seu sentido antropológico, pautada na idéia da busca, do caminho em direção de um sagrado que insiste em permanecer a relativa distância, alhures ao universo rotineiro do devoto. Com isso confirma-se o propósito do “eterno retorno” (Eliade, 2001).

Todavia, as narrativas preparatórias da peregrinação à Divina Pastora buscavam também reforçar o caráter sacro do evento, o ideal de penitência, o propósito de descobrir a sacralidade. Partindo deste entendimento, o padre Luciano tentou explicitar o ângulo almejado para a caminhada a nova cidade santa de Sergipe:

Os universitários de Aracaju vão pôr-se em marcha. Eles sabem divertir-se e fazer estrondosos pique-niques. Mas desta vez não se trata disto. É em busca do Senhor que eles vão partir. Também a romaria deles é uma ascensão. Lá no alto do monte, dominando os campos verdejantes mercê deste inverno escoado, que estamos tendo (como dizem os sertanejos), a igreja Nossa Senhora Divina Pastora, toda branca de cal, na simplicidade de seu estilo é um regaço materno para acolher os filhos que vêm vindo. (Duarte, 1958, p. 08).

Percebe-se que existe uma preocupação em reforçar o caráter religioso do evento, pois a peregrinação teria como público os jovens estudantes universitários. O lado festivo, barulhento e profano dos jovens deveria ser sufocado, controlado, vigiado. Era o momento de tentar inserir um novo modo de ser, de constituir um corpo intelectual engajado com a religião católica. Assim, disciplinavam-se os universitários na tentativa de construir um novo foco de religiosidade, de criar um santuário sob a regência do clero local. Os preparativos estavam concluídos. Aumentavam as expectativas na espera da grande marcha.

Às vésperas do grande dia, a imprensa católica de Sergipe anunciava os últimos informes e o roteiro da peregrinação. Parte do clero aracajuano e os cinquenta universitários que tinham se predisposto a caminhar na manhã de domingo aguardavam ansiosos pela celebração para a qual estavam a três meses em preparação, com cursos, retiros e orações. Festivamente A Cruzada anunciou a inédita peregrinação:

Sobem amanhã a Divina Pastora, em peregrinação, os universitários de Aracaju. Partindo de Aracaju às 8 hs, os estudantes descerão em Riachuelo, donde prosseguirão a pé para Divina Pastora. Sua marcha está dividida em duas etapas, cada qual dominada pela preocupação de um tema. Pela manhã, o assunto da troca de idéias e da reflexão será: Jesus Cristo Filho de Deus. À tarde será Jesus Cristo Redentor. (Machado, 1958, p. 01).

A prévia descrição pormenorizada tinha como intenção estabelecer um percurso definido, estabelecer uma caminhada maculada pelo espírito de devoção e discussões a respeito das questões da fé. Assim, tornaria oportuno propiciar o processo renovado de evangelização, transubstanciado na atenta observação do clero e dos líderes de grupo.

Reforçar esse aspecto do evento religioso nunca seria demais e isso ocorreu até a véspera do grande dia, com os organizadores publicando notícias sobre a mesma. Outro elemento que foi sistematicamente ressaltado foi a idéia de família. Os membros da JUC seriam naquela ocasião partes de um mesmo grupo, sob a regência de um mesmo intuito, na busca pelo sagrado imbuídos do caráter espiritual, ao menos era o que se desejava. Por esse motivo os números não consistiam na preocupação maior. O ideal era formar uma equipe coesa de peregrinos que conseguisse debater sobre o tema proposto. Isso aparece explicitamente na nota “Uma experiência que marque”, no jornal A Cruzada, como pode ser verificado:

Os organizadores da peregrinação fazem questão de acentar o caráter espiritual e religioso da mesma. A preparação da peregrinação se fez expressamente, sem preocupação de publicidade e sem a obsessão do número. Peregrinação é marcha em busca de Deus. E o apelo que a Juventude Universitária Católica dirigiu a seus colegas, foi um apelo à liberdade de cada um, para que também ele, se quizer, se ponha em marcha para Deus. Marcha em comum, marcha da comunidade universitária, que como um punhado de irmãos, como um pedaço da família da Igreja, parte à procura do Senhor (A Cruzada, 1958, p. 01).

Também pode ser destacado o período para a realização da peregrinação, quase sempre marcado pela escassez de chuvas e com a permanência de temperaturas consideravelmente amenas. As condições climáticas eram de grande valia para o sucesso do empreendimento, pois era necessário estimular a participação dos jovens para uma longa caminhada, pouco usual na tradição religiosa do estado até então. A chuva repentina ou o calor excessivo poderia por fim aos planos do padre peregrino.

Tentando observar o caráter penitencial da celebração, na noite de sábado para domingo os jovens peregrinos passaram em vigília, preparando-se para o ato do dia seguinte. Afinal, o lugar sagrado que eles tanto esperavam estava a poucos quilômetros e em pouco tempo se deslocariam ao seu encontro. O sagrado estaria “um pouco mais adiante” (Terrin, 2004, 370). É possível imaginar as expectativas que perpassaram pelos universitários que depois de três sofríveis meses de palestras e estudos iriam coroar as ações da JUC com a caminhada para uma cidade quase que desconhecida do interior sergipano. A emoção certamente permeou o grupo e pode ter tirado o sono de muitos. “A espera continuava. Mas a espera alimenta a exaltação” (Duvignaud, 1983, p. 105).

Sabemos que nos últimos anos os estudos das ciências humanas têm assumido um novo perfil, ganhando interpretações sobre o universo emotivo da sociedade. Assim, pesquisas têm buscado perscrutar por aspectos antes inimagináveis, apreendendo sensibilidades, descortinando sorrisos e lágrimas, apresentando ângulos distintos de uma mesma realidade. O pesquisador penetra nas festas e penitências no intuito de descobrir realidades ainda não vislumbradas ou ao menos ignoradas pelos olhares congelantes da academia. Emerge neste sentido uma perspectiva viva do fenômeno social, apresentando novos sujeitos e práticas. O impalpável passa a ser alvo das investigações a respeito do universo religioso. Contudo, pode-se dizer que essa faceta obscura, pouco observável das celebrações religiosas não permanece todo o tempo em seu estado abstrato, “este elemento imaterial e talvez antes inexistente materializa-se no ato coletivo que o constitui, onde ele compõe a parte subterrânea da promessa. Esperar é preparar a concretização mágica desta manifestação.” (Duvignaud, 1983, 105).

O lado emotivo das celebrações religiosas consiste em uma faceta de grande relevância para a compreensão do sentido do universo místico da religiosidade. O homem religioso busca manter a experiência com o sagrado, se aproximar do santo de devoção na tentativa de amenizar suas angústias, de sanar suas dores. Elementos como identidade, sentimento e sensibilidade permeiam a esfera religiosa e não podem ser desconsideradas pelo pesquisador. Em Divina Pastora, os iniciais peregrinos sucumbiram à emoção diante da expectativa de poder encontrar-se com a ordem cósmica sacralizada. Sorrisos dividiam espaço com o nervosismo.

A espera mágica pela peregrinação permanecia. A ansiedade pairava sobre os membros da JUC e com os primeiros raios de sol sobre as águas turvas do rio Sergipe, na aurora da Rua da Frente de Aracaju, os jovens caminhavam apressados pelas ruas para a Escola de Serviço Social, de onde saíam três ônibus conduzindo peregrinos e clero para Riachuelo. Tinha início a grande marcha. Os ônibus partiram de Aracaju na manhã de domingo do dia 24 de agosto de 1958. O dia seria longo, mas o entusiasmo contagiava e aumentava as expectativas. Chegando a Riachuelo tinha início a jornada. Ao descer dos ônibus os participantes da peregrinação inaugural se deparavam com a longa estrada, que desaparecia no horizonte em meio aos canaviais. Os peregrinos dividiram-se em três grupos, representados por desígnias católicas.

Os sinais cristãos foram carregados na peregrinação por três homens, membros do clero e da JUC. Eram eles que puxavam os pelotões que caminhavam discutindo a temática proposta. É importante ressaltar que os estudantes estavam usando trajes especialmente confeccionados para a celebração, constituindo o que se poderia chamar de uniforme da marcha divina. Na imagem da primeira peregrinação percebe-se que os membros da JUC estão usando roupas leves e compostas, denotando o caráter religioso da ocasião e a proposta de evitar os fortuitos desvios da juventude. Blusas com botões e mangas, saias longas e calças compridas, além do indispensável chapéu fizeram parte da vestimenta dos primeiros peregrinos. Além disso, todos tinham a altura do peito um broche da peregrinação. Todos estavam demarcados, sinalizados para as atividades que teriam de ser realizadas naquele dia. Naquele momento todos pertenciam ao mesmo grupo, temporariamente homogêneos, a caminho da cidade a ser sacralizada.

A angústia foi um dos componentes da caminhada. A cada passo ficava para trás a cidade de Riachuelo que aos poucos ia desaparecendo em meio à vegetação. Passava-se o rio, seguia pelos pedregulhos da estrada enladeirada e curva. Não havia mais olhares para o que tinha ficado. Todos os olhos estavam fitos para o horizonte a ser vislumbrado, pois “a estrada se abria pela primeira vez para essa estréia sobrenatural; era a hora do início, a hora da apreensão e da pergunta que cada um formulou a si próprio” (Montal, 1958, p. 01). Indagações eram muitas. Os jovens não sabiam ao certo o que iriam encontrar, em que realmente consistia peregrinar. A peregrinação partiu com um grupo homogêneo. Os três grupos estavam subdivididos em equipes de cinco pessoas, que iam debatendo. Segundo Gratia Montal:

Estava dividida em três grupos representados por signos litúrgicos, o primeiro trazendo a frente à cruz, sinal da redenção. Cada grupo era dividido em equipes de cinco pessoas, divisão esta que deu lugar à ordem impressionante dos peregrinos na estrada: de cinco em cinco eles marchavam pela estrada dos homens para descobrir a estrada de Deus; nada os perturbou, nada os desviou do seu roteiro original. (Montal, 1958, p. 01).

Na cosmovisão dos peregrinos, a estrada de Riachuelo tinha se metamorfoseado no caminho da salvação, na estrada sagrada, nos trilhos divinos. O percurso sofrível aliado às discussões fez com que os seguidores da marcha sentissem uma situação diferenciada. Por um momento os universitários estavam deslocados de sua realidade rotineira, do caos da urbe aracajuana da década de 1950, entrando num estado de purificação nas estradas de pedras que levavam a Divina Pastora. As dificuldades do percurso serviam como um mecanismo de purificação, de êxtase, preparando os corpos cansados para a entrada temporária no ambiente sagrado, na casa da Divina Pastora. Com isso, confirma-se a concepção de Eliade de que o “*homo religiosus* acredita sempre que existe uma realidade absoluta, o sagrado, que transcende este mundo, que aqui se manifesta, santificando-o e tornando-o real”. (Eliade, 2001, p. 164). Mas a peregrinação da JUC apresentava novidades. Era uma marcha de debates. Os universitários iam discutindo as temáticas propostas e estudadas ao longo dos três meses anteriores, sobre a figura de Jesus Cristo. Antes mesmo do Concílio do Vaticano II a juventude sergipana já vinha debatendo as questões relativas à fé.

Diferentes elementos inerentes à peregrinação podem ser descortinados a partir da reflexão acerca dos registros documentais. A realidade sensitiva também estava presente e pode ser diagnosticada por meio das lentes da história sob o enfoque do paradigma indiciário. As pistas da passagem dos primeiros peregrinos ainda estão disponíveis para os pesquisadores, para os investigadores da religiosidade católica. Silêncio, percepção do tempo, sensibilidade diante dos sacrifícios e do outro, do diferente, do estranho, permearam os relatos sobre a caminhada. Os jovens caminhavam para a descoberta de um novo enfoque em suas vidas, somando o desconforto das intempéries naturais com o prazer em descobrir um novo mundo. A peregrina Gratia Montal chegou a refletir sobre a sanidade do seu grupo:

Não seriam, por acaso, aqueles jovens uns loucos, caminhando numa manhã quente, numa estrada desconhecida, para identificar o Cristo? Na verdade eles eram loucos, loucos de ansiedade de conhecer a Deus e de encontrá-Lo. E toda procura, toda busca é uma inclinação, é um silêncio, para se ouvir ou para se ver algum sinal do que se busca; por isso os peregrinos andavam em silêncio para descobrir a Deus. Foi este um dos gestos mais tocantes da Peregrinação assim marcada por coisas simples e interessantes: ao silêncio daquelas almas, à mortificação daquelas vontades jovens, a natureza também fez silêncio, também se mortificou; lá num pequeno monte silencioso também os bois comiam e cochilavam, e a passagem dos peregrinos eles se voltavam, ergueram as cabeças, admirados, assim permanecendo por longo tempo. Que pensariam eles se pudessem pensar, eles que também louvaram o Senhor? “Animais selvagens e rebanhos pacíficos bendizei ao Senhor. (Montal, 1958, p. 01).

O depoimento deixado pela peregrina na imprensa aracajuana é revelador. Ela apresenta as múltiplas facetas que se fizeram presente na caminhada da JUC em 1958. Ela tentou enfatizar a idéia de morte do corpo em contraponto com a elevação do espírito. Silenciar era preciso para deslocar-se para o lugar sagrado. O devoto deveria calar-se para sentir a mudança temporal, a sua entrada no mundo sacralizado, nos lastros do divino. Os passos dos caminhantes simbolizavam também a mudança temporal. Concentração, passos firmes e batimentos cardíacos acelerados apresentavam para os devotos a mudança temporal, tudo isso cercado de uma realidade inócua, rotineira,

demarcada pela lentidão da natureza. O profano abria-se na estrada de Divina Pastora para a passagem da realidade sacralizada, dos universitários em busca do divino. Enquanto o rebanho fustigava seus alimentos ou adormecia na inerte rotina bucólica, os jovens arcajuanos passavam com olhares distantes na tentativa de vislumbrar a matriz. Eram aventureiros inseridos na cosmovisão religiosa de apreensão do sagrado.

Diferentes temporalidades se confrontavam naquela manhã de domingo ensolarada, com a constituição de um território móvel do sagrado, que se deslocava pelas estradas. A peregrinação tinha constituído um corpo próprio, seu tecido que se estendia e arrastava pelas cercanias. A coesão do grupo era um tópico de grande relevância para o sucesso da peregrinação, pois propiciava sua maior visibilidade e facilitava a vigilância por parte dos membros do clero. Esses dois pontos possuem considerável importância no processo de evangelização almejado na proposta da Juventude Católica. Nos novos rumos da Igreja tornava-se eminente a necessidade de exibir-se, de se fazer mostrar para a sociedade. Neste caso, eles estariam divulgando uma nova expressão de religiosidade, apresentando um jeito de culto mais racionalizado e menos supersticioso. Quanto à vigilância tornava-se preciso empreender o olhar observador, para evitar os possíveis desvios da carne e submeter o grupo às atividades propostas nas reuniões. Os membros da JUC serviam como modelo de evangelização e não poderiam incorrer com os mesmos equívocos do catolicismo rústico.

Um modelo a ser seguido por todos. É por isso que a jovem peregrina descreve minuciosamente o trajeto do grupo, sem esquecer de registrar até as reações dos animais. Diante do sagrado todos se paralisam, permanecem estáticos vislumbrados com a passagem de um universo distante, pertencente a outro cosmo, que insiste em atravessar o mundo ordinário e caótico da profundidade. É possível perceber ao longo da história cristã diferentes momentos em que ocorre interação entre o sagrado e o mundo animal, dando a idéia de que os seres irracionais teriam a sensibilidade de perceber a presença sacra. Na cosmovisão de Montal, os animais que pastavam tranquilamente nas redondezas de Riachuelo e Divina Pastora também teriam sentido a passagem do grupo em busca do sagrado, o tempo diferenciado. Percebe-se até certa reverência dos animais, pois seguindo consta na descrição da testemunha ocular, os animais teriam parado suas ações corriqueiras para observar a passagem do sagrado, do cortejo em busca da Divina Pastora, erguendo suas cabeças e “permanecendo assim por longo tempo” (Montal, 1958, p. 01).

Na assertiva de Gratia Montal não aparecem somente animais contemplativos. Todos lançavam seus olhares para as estradas, com o intuito de observar uma cena inédita na localidade. O estranhamento do espetáculo clamava a atenção da população local, que curiosa observava a passagem dos peregrinos. A peregrinação representou também neste sentido o encontro de dois universos distintos, até então desconhecidos. Universitários e camponeses trocavam olhares desconfiados, outrora permeados de curiosidade, subsequente estratificados pelo respeito. Assim, entravam em cena os camponeses da Cotinguiba, maculados pelo labor diário e que sentiam a passagem de uma temporalidade sacra. “Outra hora eram os camponeses que tiravam o chapéu e baixavam respeitosamente a cabeça ouvindo entoar a Ave-Maria dos peregrinos. A peregrinação foi uma palavra, um canto, ora da natureza, ora dos corações, descobrindo Deus” (Montal, 1958, p. 01).

Silêncio, cânticos, cabeças cabisbaixas, chapéus em mãos fizeram parte do cenário da primeira peregrinação. São indícios de uma realidade em mutação, em metamorfose do profano para o sagrado. Os pequenos sinais dispersos no emaranhado das memórias referentes ao cortejo espiritual podem revelar aspectos inerentes a múltiplos campos da religiosidade. De repente, o catolicismo rústico deparava-se com a passagem da devoção reformada, controlada pela ortodoxia e se curvava. Era a passagem do sagrado. Mesmo sem saber ao certo o que ocorria naquela ocasião, os populares da região entenderam que ali ocorrera a marcha em busca do divino (ou seria da Divina?). O ecoar dos cânticos pelas pastagens e campos transmitia a idéia de sacralização. Em resposta, os camponeses retiraram chapéus, baixaram olhar, oraram. Pode-se dizer que naquele momento teria ocorrido um encontro de sensibilidades diferenciadas. Como explicita Mircea Eliade, “a sensibilidade religiosa das populações encontra-se gravemente empobrecida. A liturgia cósmica, o mistério da participação da natureza no drama cristológico tornou-se inacessíveis aos cristãos que vivem numa cidade moderna” (Eliade, 2001, p. 145-146).

Essa relação homem/sagrado/natureza enaltecida por Eliade constitui uma questão de grande relevância. Partindo da narrativa elaborada pela peregrina da JUC, podemos perceber que a caminhada dos membros da Juventude representou o encontro destes com um universo ainda não visto por muitos. Tratava-se do encontro do homem urbano com seu lado ruralesco, já esquecido, apagado da tradição da capital aracaçuana. Trabalhadores rurais e animais pastando, ambos contemplando a passagem do grupo em marcha simbolizaram esse reencontro temporário do *homo urbanus* com a tradição, a essência católica. Encontro este simbolizado pela rápida troca de olhar.

A caminhada discursiva era lenta, pois os estudantes tinham como propósito maior debater. Ao meio dia os jovens cansados pela jornada pararam para o descanso e para a refeição. Encontravam-se mais uma vez com a natureza que metaforicamente foi transformada em templo, construído pelo sagrado. Assim os peregrinos contemplaram as árvores ao sopé da grande ladeira:

Era quase perto do meio dia, o sol queimava como um símbolo aquelas fronteiras inquietas, lembrei-me que Caudel no seu poema *La Vierge à mede*, onde diz assim: “é meio dia. Vejo a igreja aberta. E devo entrar”. Eles também, os neo-peregrinos precisavam entrar, mas não tinham igreja por enquanto; esperava-os um taquaral sombrio formando verdadeiras colunas que sustentavam uma folhagem fechada como a abóbada de um templo; foi ali, naquele templo feito pelas mãos de Deus que os universitários dividiram as suas dúvidas, as suas dificuldades da longa procura do Senhor; foi ali que alimentaram o corpo marcado pelo cansaço dos caminhos; foi ali que repousaram para continuar o louvor a Deus, foi ali que a chuva caiu sobre eles como bênção... (Montal, 1958, p. 01).

A interação homem/ natureza permanece sendo a tônica da narrativa de Gratia Montal, que busca reforçar o caráter sacro da celebração, apresentando os fenômenos da natureza como bênçãos divinas. Calor, árvores, chuvas foram interpretadas como a gratificação divina pelo esforço dos peregrinos, ou seja, as súplicas dos andarilhos estavam sendo atendidas. Tudo parecia ser providencial, ao menos na cosmovisão do grupo. Observando a partir das categorias de análise elaboradas por Mircea Eliade, pode-se dizer que naquela ocasião os peregrinos estavam imbuídos do universo sacro,

pois para o *homo religiosus*, a natureza é transformada em símbolos do sagrado, ou seja, a realidade imediata transmuda-se numa realidade sobrenatural. Ele adora pedras, árvores que perdem o seu significado original, passando a ser simplesmente o sagrado. “Manifestando o sagrado, um objeto qualquer torna-se outra coisa e, contudo, continua a ser ele mesmo, porque continua a participar do seu meio cósmico envolvente” (Eliade, 2001, p. 18). Neste caso, os peregrinos de Divina Pastora estavam vislumbrando uma hierofania, na qual a natureza galgava um novo sentido, atribuições sobrenaturais. Assim, o cosmo ordinário passa a ser extraordinário. O caos transmuta-se para a ordem. As portas da realidade sacra aproximavam-se, despertando expectativas.

Após o descanso, os jovens peregrinos enfrentaram a mais árdua etapa do cortejo, a subida da grande ladeira. Nesta etapa eles discutiam a figura de Cristo como redentor dos homens. A peregrinação inaugural aproximava-se de seu destino, o templo da Divina. Silêncios, cânticos, orações e via sacra foram reforçadas na entrada da cidade santificada. Subir a ladeira era a missão derradeira dos jucistas. Ocorria então uma “nova marcha em silêncio, o canto da Ave-Maria ecoava novamente pelo espaço a subida da montanha. Nova marcha da Igreja, dos cristãos com seus sacerdotes, com seu Bispo que batizavam com seus passos as estradas da Divina Pastora” (Montal, 1958, p. 01).

Novamente ocorreu um encontro. Desta vez entre os universitários membros da JUC e os moradores da cidade. As portas imponente matriz se abriram no limiar da luz do sol para receber os seus visitantes extenuados pela jornada que tinha perdurado todo o dia. As cortinas do dia já estavam sendo cerradas quando emergiram as penumbras dos primeiros peregrinos, a passos lentos, destituídos de forças e impávidos pela contemplação da casa da Divina. O símbolo da porta é de grande relevância no universo sacro, por representar a passagem, o portal entre o profano e o sagrado. Na ocasião da peregrinação as portas que separavam esses dois universos foram abertas, possibilitando constituir um canal de comunicação entre ambos.

A porta, portanto, representa o lugar onde acontece a passagem de um estado a outro, a dobradiça entre dois mundos, entre o sagrado e o profano, e a porta protege o sagrado, esconde o mistério. Participa desse modo da própria ambigüidade do sagrado: tem o seu momento “fascinante”, mas comporta também um *tremendum* (Terrin, 2004, p. 384).

A passagem pela porta da matriz possui uma simbologia capitular no enredo da peregrinação por representar o momento do encontro dos devotos com a realidade sacra, transportando a tênue fronteira entre o sagrado e o profano. É a porta que separa a ordem do caos, protegendo a primeira do último. Ela constitui um limite entre um lugar e outro e por esse motivo não constitui um lugar em si. Esse é um dos motivos que em rituais religiosos como o das rezadeiras não é permitido permanecer debaixo da arquitrave da porta, pois pode reter a circulação de energias, das forças exorcizadas do enfermo. A porta é a responsável pela preservação do segredo, dos mistérios da sacralidade e por isso a passagem do devoto para a realidade extraordinária sempre é temporária, esporádica. O retorno para o universo ordinário e caótico é inevitável. A permanência no centro, no umbigo do mundo é curta.

Os peregrinos da Divina Pastora podiam finalmente vislumbrar com a paisagem da cidade, na qual a imagem da matriz emergia e se impunha diante dos olhares atentos dos visitantes. Finalmente ocorria o encontro dos filhos da Divina com sua mãe.

A tarde já começava a mudar de cor do seu véu anunciando a chegada dos peregrinos. E agora um templo de verdade os esperava, a casa da mãe de Deus. Eles iam a seu encontro, porque ela conhecia melhor a Quem eles procuravam; ela que O teve dentro do seu ser, de suas entranhas, poderia ensinar-lhes a descobri-Lo. E aí no templo eles entraram para COMER no altar Aquele de quem falavam pelos caminhos. A missa da peregrinação banhada pela beleza de seus salmos das subidas, do magnificat, “quem semeia entre lágrimas recolhe a cantar”, foi a aliança desta procura, o pacto de amizade, da união vertical de cada universitário com deus e horizontal dos universitários entre si que repartiam naquela hora as generosidades dos seus corações; nós somos naturalmente pobres, o que ainda possuímos é a soma das riquezas do outro. A peregrinação foi esta soma de dedicação, de sacrifícios de todos e de cada um até dos que não puderam ir. Os peregrinos lá estavam de joelhos falando com Deus, cantando em torno do seu Pastor; foram não só para pedir e oferecer, mas para VER. Ver a Divina Pastora, a Mãe de Deus (Montal, 1958, p. 01).

A chegada dos peregrinos no templo acolhedor de Divina Pastora foi um marco singular na insólita trajetória da paróquia local. A cidade despertava-se para a sacralidade reconhecida pela ortodoxia católica sergipana, sendo elevada a Santuário e Centro Mariano da Diocese de Aracaju. A missa do fim de tarde, celebrada pelo bispo Dom José Vicente Távora marcou a primeira eucaristia dos peregrinos no novo santuário, que buscava se tornar um dos mais populares de Sergipe. Tornar a cidade de Divina Pastora em grande santuário não era uma mera utopia. Ao que tudo indica, tanto a diocese como a maior parte do clero local se viam empolgados com oportunidade criar um novo foco de devoção, tingido pelo controle dos eclesiásticos, sem as máculas da religiosidade supersticiosa. A idéia de transformar a cidade em santuário receptor de peregrinos parece que era generalizada. Até mesmo a imprensa fazia prognóstico a respeito do futuro templo dos peregrinos: “Quem sabe se este grupo de universitários que amanhã subirá a Divina Pastora, como há vinte séculos os judeus subiam a Jerusalém e como os cristãos da Idade Média rumavam à Palestina, não está abrindo a rota de uma tradição dos estudantes das faculdades sergipanas?” (A Cruzada, 1958, p. 01).

No entardecer, com o cessar das luzes naturais do dia, os jovens peregrinos se despediam do santuário. A caminhada estava encerrada. As forças renovadas para o inevitável retorno para o mundo ordinário. O limiar da sacralidade seria transpassado novamente, desta vez para a saída dos filhos da Divina. O rebanho que tinha caminhado durante todo o dia para contemplar a figura da Pastora, estava pronto para retornar ao mundo de insegurança e incertezas, para a lida cotidiana e repetitiva. Teve a missa na qual salmos e hinos foram cantados pelos universitários. Terminada a celebração eucarística, os jucistas jantaram, arrumaram suas mochilas, puseram-na nas costas e retornaram a Aracaju, na certeza de um dia poder retornar. Era só o primeiro capítulo de um enredo que teria muito a render.

Referências

- A CRUZADA.1958-1961.Roteiro da Peregrinação dos universitários a Divina Pastora. IDLD, Cx. 34, PC. 04, doc. 4.1
- AGOSTINHO, Pedro. **Imagem e Peregrinação na Cultura Cristã**: Um esboço introdutório. Salvador: UFBA, 1986.
- BERGER, Peter. **O Dossel Sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. Trad. José Carlos Barcellos. São Paulo: Paulus, 2004. 5ª ed.
- CARVALHO, Fábio Alexandre Santos. **As ovelhas da Divina Pastora**: um olhar sobre a peregrinação. Aracaju, 2006. 85 f. Relatório (Graduação em História). Universidade Tiradentes.
- DAMATTA, Roberto. **A Casa e a Rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DUVIGNAUD, Jean. **Festas e Civilizações**. Trad. Raposo Fontenelle. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.
- ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**: a essência das religiões. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FERNANDES, Rubem César. **Os Cavaleiros do Bom Jesus**: uma introdução às religiões populares. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: s/ed., 2002.
- FONTES, Carmelita Pinto. Peregrinação de Divina Pastora. In: **Revista Jubileu de Ouro de Vida Sacerdotal**. Aracaju: Olímpica, 1998.
- GINZBUG, Carlo. Sinais, raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, Emblemas, Sinais**: morfologia e História. Trad. Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leite. Campinas: Unicamp, 1996. 2ª ed.
- MACHADO, Manoel Cabral. Dom Luciano. In: **25 anos de Sacerdócio**. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 1973.
- MENDONÇA, Maria Giovanni dos Santos. Peregrinação a Divina Pastora. In: DUARTE, Carmem Dolores Cabral. **Concílio do Vaticano II**: os novos caminhos da Cristandade. Aracaju: J. Andrade, 1999. pp. 371-374.
- SANCHIS, Pierre. Festa e Religião Popular: as romarias de Portugal. In: **Revista de Cultura**. vol. 73. ano 73, nº 04. Petrópolis: Vozes, 1979.
- SANTOS, Magno Francisco de Jesus. **Caminhos da Penitência**: a Solenidade do Senhor dos Passos na Cidade de São Cristóvão- Sergipe (1886-1920). São Cristóvão. 2006. 127 f. Monografia (Bacharelado em História). UFS, CECH, DHI.
- TERRIN, Aldo Natale. **Antropologia e Horizontes do Sagrado**: culturas e religiões. Trad. Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2004.